

Solange

Curso : " TEORIAS GRAMATICAIS E GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS "

prof: Charlotte Galves

Trabalho de Conclusão

Título : " TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA"

Aluno: Solange Maria Leda Gallo
(1º semestre de 1983)

UNICAMP

TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA

Descrição do Corpus

Este trabalho foi desenvolvido em uma classe de 7^a série, da Escola SESI de Campinas.

Os alunos desta classe já vêm relatando notícias de jornal e comentando oralmente essas notícias desde o começo do ano.

Para este trabalho foram recolhidos; a gravação do relato de uma notícia de jornal, a gravação de seis comentários orais/ do relato e posteriormente, os textos escritos sobre um tema da do, abstraído dos comentários orais, dos mesmos sete alunos.

As gravações foram transcritas e as transcrições conferidas pelos cinco professores que trabalharam com esse material.

As pausas foram marcadas obedecendo o seguinte esquema: / os cinco professores se dividiram em grupos de dois, dois e um. Exceto o elemento da equipe que não tinha par e que por isso ficou encarregado pelo funcionamento do gravador, os elementos / das duplas sentaram-se um em frente ao outro e apenas um dos / dois estava com a transcrição para ser marcada. O outro permaneceu com uma caneta na mão e os olhos fechados (para que a atenção à gravação fosse maior). Ao ouvir, então o texto o primeiro acusava com uma batida da caneta na mesa os momentos em que a fita silenciava e o seu par marcava este momento no texto já transrito, onde ele acompanhava a gravação com a leitura.

Depois de todos os textos estarem marcados pelas pausas, / foi feita a comparação dos trabalhos das duas equipes e nos lugares onde havia dúvidas o trabalho foi feito novamente até que estas desaparecessem.

Pronta esta primeira etapa cada elemento da equipe partiu para trabalhar o material aqui descrito sob um diferente ponto/ de vista; levantamento dos tempos verbais comparando os textos/ orais e escritos, levantamento do envolvimento do autor compara- rando também os textos orais e os escritos, levantamento dos / elementos de topicalização nos textos e tentativa de reconstru-ção da coerência e coesão dos textos.

Hipótese

A primeira hipótese, em relação a este corpus, levantada/ pelo grupo foi que "a partir de um fato concreto os alunos che- gariam facilmente a uma abstração, porém a partir de um tema /

abstrato eles dificilmente chegariam a uma fato concreto.

Feito o exame do material ficou comprovada a hipótese neste corpus, pois a partir de uma notícia de jornal que trazia o fato concreto que era a morte de um garoto de treze anos, todos os alunos que fizeram comentários sobre isso, abstraíram a idéia a "Drogas". Apenas um aluno, dos vinte observados, chegou na ~~redação escrita~~ ^{grau} a um fato concreto. *(1)

A segunda hipótese, em relação a este corpus, levantada pelo grupo foi que "os textos orais teriam uma coerência mais facilmente recuperável e uma coesão menos reconhecível, ao contrário dos textos escritos que teriam uma coesão mais notável e uma coerência não facilmente recuperável.

Infelizmente a comprovação desta hipótese, nesta primeira apresentação não se deu dada a impossibilidade de fazê-la sem a comparação dos trabalhos de todos os elementos da equipe, já que alguns não o puderam concluir a tempo. *(2)

Ainda em relação a este corpus foi levantada por mim a hipótese de poder recuperar toda a coerência do texto oral e do texto escrito, através da recuperação dos implícitos, subentendidos e pressupostos existentes nesses textos. Porém, a comprovação desta hipótese pretende se dar em relação a apenas um texto oral e um texto escrito (do mesmo aluno) que se encontram nesse corpus. Foram escolhidos os textos do aluno Dorival, que foi quem fez o relato da notícia oralmente e a redação escrita, posteriormente.

Segue-se logo após as observações *(1), *(2) a transcrição do relato. *(3) e uma fotocópia da notícia de jornal.

*(1) Eu acho esta idéia importantíssima de ser trabalhada e pretendo continuar o levantamento de material e dados com os alunos, com o acompanhamento de teorias que possam ajudar-me, pois que o aprofundamento desse assunto poderá trazer a nós, professores de língua portuguesa, mais elementos para o trabalho de produção de textos nas séries de primeiro grau.

*(2) Fica então, a comprovação desta segunda hipótese, como proposta de trabalho a ser desenvolvido e concluído para uma segunda apresentação.

*(3) As pausas não aparecem marcadas porque nesta abordagem elas não são tão necessárias.

Garoto Fábio de 13 anos foi encontrado morto debaixo de uma perua kombi e quem quem matou foi o garçom e falou que tava perseguindo ele e preo e preocu fez o crime em legítima alegou que fez em legítima defesa daí os pais do do menino se revoltaram porque/ o o garoto nunca tinha bebido fumado nada ele era um menino assim da escola pr'a casa da casa pa escola mas então mas o eles descobriram o pai os pais do garoto que o através dos colegas que o ga
roto tava co començando a sair c'um traficante de drogas é Eduardo Gambetta num sei ele é famoso ele tá aí em prisão condicional/ ele tava né então ele foi e começaram a ser amigo por condicional ele tava né então ele foi e começaram a ser amigo por causa da / droga daí desde então o garoto começava a ser meio diferente até/ que eles ficaram bem amigo e o tal Eduardo levou ele pr'o Jardim/ Chapadão pr'a assaltá uma casa um casal né então eles n'um conseguiram chamaram os home lá uns garçons e mais dois homens corre-/ ram atrás deles a até o opala né o Eduardo Gambeta conseguiu fu-/ gir então no meio do tiroteio o menino foi tentá se esconde e tam
va entrando debaixo de uma perua no que ele foi o garçom atirou / bem nas costas do menino o garm disse que ele tava c'uma arma mas como é que ele tava c'uma arma e se tivesse c'uma arma ele tinha/ acertado no peito ele mesmo desmentiu porque acertou nas costa / como é que ele tava c'uma arma apontada pr'a ele se ele tava de / de costa pr'o cara aí aí que aí que prova que qualqué um fica di-
ferente na com droga.

Dorival - Redação : DROGA

Drogas como o próprio nome já diz é uma droga.

Não serve para nada, simplesmente nada. Isto apenas prejudica o homem (ou mulher) moralmente, como fisicamente, como economicamente.

Em primeiro lugar Fisicamente: A droga, seja maconha, cocaína ou outra coisa não importa vai diretamente no sangue, enfraquece-o e deixa de um homem (ou mulher) saudável um monte de ossos.

Em segundo lugar Moralmente: Uma pessoa viciada em drogas / modifica os seus atos, deixando-os anti-social. Ninguém as quer / (errado, quando uma pessoa se encontra neste estado temos que conversar, ajudá-la a sair do vício).

Economicamente: A droga além de tudo é cara- a pessoa viciada faz tudo para conseguíla.

Em resumo " A Drogas é uma droga". *(4)

*(4) Esta transcrição é absolutamente fiel ao texto original,

INTRODUÇÃO

Segundo Widdowson, a recuperação dos implícitos, subentendidos e pressupostos só é possível quando se reconhece o "ato / ilocacional" do falante.

Pôde-se comprovar, através do levantamento dos tempos verbais dos dois textos, seguindo a proposta de Weinrich, que o texto oral do Dorival se caracteriza como (narrativa) relato, / por causa da natureza dos verbos do grupo que constitui a maioria. Assim como, através da mesma análise pôde-se comprovar que o texto oral caracteriza-se como comentário.

Tendo-se constatado, portanto que se trata de um relato e de um comentário, seguindo a idéia de Austin, reconhece-se, então dois atos ilocucionais; no texto oral o ato ilocacional é / relatar e no escrito, comentar.

Tentativa de Recuperação da Coerência do texto oral

Então, partindo-se da premissa que no texto oral o ato / ilocacional do aluno foi relatar uma notícia de jornal, então, a partir de uma comparação entre o texto original (a notícia)*⁽⁵⁾ e a sua enunciação foi possível detectar os implícitos, subentendidos e os postos e pressupostos.*⁽⁶⁾

Em um nível mais abrangente encontramos que ter Dorival / relatado a notícia deixa, implícito que ele a autenticou com o seu dizer.

Dentro de uma classificação psicológica o relato apresenta, a nível da enunciação, alguns subentendidos, ora como manifestação involuntária, ora como manobra estilística:

- Dorival escolheu esta notícia para relatar e não outra. Subentende-se então seu interesse pelo objeto desta notícia, porém / não é necessário atribuir a ele a vontade de manifestar esse interesse ou a consciência desse interesse.

- É interessante notar o enfoque dado pelo Dorival sobre o "menino" (o que aconteceu a ele e como aconteceu), deixando de lado todos os outros enfoques que aparecem no texto original (pais //, advogados, justiça, sequência de fatos depois da morte, etc.) Esse enfoque se dá no momento em que ele faz do seu relato uma / reconstituição dos fatos que vão desde o menino antes do envolvimento todo, até o menino morto.

*⁽⁵⁾ A notícia do jornal está anexada ao trabalho, na última parte deste.

Isto pode ter relação com as idades iguais do Dorival e do menino. Essa hipótese seria evidenciada se pudéssemos comprovar/ que um adulto (talvez um pai de um garoto dessa idade) ao relatar tal notícia, fizesse um enfoque diferente que poderia ser, / por exemplo, a posição dos pais do garoto diante dos fatos.

Considero isso como uma manobra estilística do Dorival que teria se dado a nível psicológico.

Ainda a nível da enunciação, o relato apresenta outros subentendidos, porém agora vistos dentro de uma classificação ló-/gica.

- Dorival fez um relato de uma notícia de jornal ora, não se faz isso a não ser que se acredite que o ouvinte esteja interessado/ nisso então subentende-se que Dorival acreditava que o(s) ouvinte(s) estivesse(m) interessado(s) no relato da notícia de jornal.

- Dorival fez o relato; ora, não se faz um relato a não ser que / se acredite que o ouvinte esteja entendendo sua enunciação, então subentende-se que Dorival acreditava estar sendo entendido / pelo ouvinte. *(7)

- Ora; não se faz um relato ainda a não ser que se tenha tomado/ conhecimento da notícia do jornal, então subentende-se que Dorival tomou conhecimento desta notícia.

- Dorival fez o relato da notícia com palavras muitas vezes diferentes das palavras da própria notícia e não se seleciona os fatos a não ser que se tenha interpretado tal notícia, então subentende-se que Dorival interpretou a notícia.

Além dos subentendidos a nível da enunciação, encontrou-se implícitos a nível do enunciado.

Segue-se aqui duas colunas que mostram os "postos" do aluno ao lado dos "postos" correspondentes no texto do jornal. *(8)

*(7) Segundo Grice, ele teria acreditado estar sendo entendido pelo ouvinte através do reconhecimento por parte do ouvinte, da sua intenção, que era relatar uma notícia de jornal, e segundo Searle ele não só acreditou estar sendo entendido porque o ouvinte sabia da sua intenção de relatar uma notícia de jornal, com aquela enunciação, mas também porque aquela era uma enunciação convencionalmente usada para esse fim.

*(8) Todo o levantamento destes postos (pág. 5-7) foi feito pela aluna Christine Guillemin Stolz.

DORIVAL

ARTIGO

1. Garoto Fábio de 13 anos foi encontrado morto debaixo de uma perua kombi.

2. Quem quem matou foi o garçom.

3. e falou que tava perseguindo ele.

4. e preo e preoc fez o crime em legítima alegou que fez em legítima de fesa.

5. daí os pais do do menino se revoltaram.

6. porque o o garoto nunca tinha bebido fumado nada ele era um menino / assim da escola pr'a casa da casa / pr'a escola.

7. Mas então mas os eles descobriram / o pai os pais do garoto que o atra -s vés dos colegas que o garoto tava / cot começando a sair é um traficante de drogas ~~é Eduardo Gambetta~~.

8. Eduardo Gambetta
num sei ele é famoso

1'. O corpo do garoto Fábio Fernando de Lima, 13 anos, /foi encontrado..... embaixo de uma perua kombi.

2'. ...a polícia chegou até o garçom... Este confirmou/ ter assassinado Fábio...

3. ...no Opala Comodoro / usado para perseguir Fábio/ e Gambetta...

4. o garçom...alegou legítima defesa

5'

6. Família:revolta ...os / pais de Fábio não se conformaram com o ocorrido...

7'

8. o Fábio jamais pegou nua arma. Não fumava, não bebia...o garoto..., lobinho/ (escoteiro e não apelido), / aluno da 4ª série..., sócio/ de vários clubes...

9'. um amigo de Fábio disse a Miguel Cândido ~~pai de Fábio~~, / de que esta va em frente ao colégio.... quando viu o colega sair em companhia de Eduardo Gambetta, um traficante de drogas...

~~Eduardo Fábio~~

10'. Eduardo Gambetta ~~co-~~/ nhecido traficante de drogas.

6. ele já fez ele tá em prisão
condicional ele tava né

7. então ele foi e começaram/
a ser amigo por causa da droga
dai desde então o garoto come-
çava a ser meio diferente ~~até~~
~~que eles ficaram bem amigo~~

7. ...até que eles ficaram bem amigo
~~que~~ e o tal de Eduardo levou /
ele pr' o Jardim Chapadão eles/
moravam no Guarani ~~que~~ de-
~~car~~ pr' o Jardim Chapadão

8. o ele levaram p' o Jardim Chapadão
8. pr' a assaltá uma casa ~~um~~
~~casal~~ né

9. um casal né

10. então eles num conseguiram
chamaram os home lá uns garçons
e mais dois homens correram /
atrás deles a até o opala né

11. o Eduardo Gambetta conse- /
guiu/fugir

10. então no meio do tiroteio

11. o menino foi tentá se es-
conde e tava entrando debaixo
de uma perua ~~no que ele foi o~~
garçom atirou bem nas costas/
do menino

12. ... que está em regime de pri-
são - albergue

13. Eduardo Gambetta... responsá-
vel pelo "possível" comportamento
de Fábio

14. ... o garoto não era bandido/
e foi aliciado pelo traficante de/
drogas, Eduardo Gambetta, na porta
da escola... no Jardim Guarani... na
porta da sua (do Eduardo) casa, no
Jardim Guarani... ~~no Jardim Chapadão~~
~~no Jardim Chapadão~~

... foi encontrado no Jardim Chapadão

15. foi aliciado... para a prática/
do assalto... ~~o~~ casal que teria si-
do assaltado... reconheceu Gambetta
como sendo o autor do assalto...

16. o garçom... apontou dois /
colegas de trabalho como os elemen-
tos que o acompanhavam no Opala Co-
modoro usado para perseguir Fábio /
e Gambetta ***

17. Miguel e o cunhado... segunda/
feira... montaram campana na porta/
da sua (do Eduardo) casa... aguar-/
dando o momento em que ele saisse

18.

18. o garçom... atirou... tiro de re-
vólver, calibre 38. Ao lado do cor-
po foi encontrada uma garrucha Rossi
calibre 32, sem munição... ele atirou
no Opala... no momento ~~que o~~ que o
garoto procurava refúgio debaixo de uma
perua kombi

19. o garçom... atirou pelas costas/
~~no momento que o garoto procurava re-~~
~~fúgio debaixo de uma perua kombi~~

12

~~12~~ o garçom disse que ele tava c'uma arma

~~13~~ mas como é que ele tava c'u ma arma e se tivesse c'uma arma ele tinha acertado no peito ele mesmo desmentiu porque acertou/ nas costas ¹⁴ como é que ele tava / c'uma arma apontada pr'a ele se ele tava de costa pr'o cara

14

~~14~~ aí aí que aí que prova que/ qualqué um fica diferente com / droga

□

12)

~~12~~ o garçom disse que ele atirou no Opala

~~13~~ ...o garçom...alegou legítima defesa...a jaqueta que Fábio usava foi perfurada pela bala e não dei- xa dúvida de que o menino foi ferido pelas costas, quando fugia

13)

~~13~~ quando fugia

14)

~~14~~ ... o Fábio jamais pegou / numa arma. Não fumava, não bebia e não podemos acreditar que ele atirou em alguém...lobinho...aluno de 4^a série...sócio de vários clubes. ...o garoto não era bandido... o

~~15~~

~~15~~ garçom disse que ele / atirou no Opala...foi aliciado pe- lo traficante de drogas...para a / prática do assalto

Orientando-se por estas colunas pôde-se perceber os seguintes implícitos;

- Comparando 4 e 4' concluiu-se que para o aluno alegar legítima defesa implica fazê-lo em relação a algum fato.
- Comparando 5 e 5' concluiu-se que para o aluno, a família não se/ se conformar e "família" aparecer no jornal ao lado da palavra "revolta" implica em a família ter se revoltado.
- Comparando 6 e 6' concluiu-se que para o aluno, o menino ter essa descrição(6') implica em o menino não ir a lugar nenhum sozinho que não seja escola e casa.
- Comparando 7 e 7' concluiu-se que para o aluno Fábio ter saído com Eduardo Gambetta naquela noite implica já tê-lo conhecido, ou melhor, já ter saído outras vezes com ele.
- Comparando 8 e 8' concluiu-se que para o aluno, ser conhecido implica ser famoso (embora o próprio Dorival nunca ter ouvido falar nele).
- Comparando 9 e 9' concluiu-se que para o aluno, estar em regime de prisão albergue implica estar em prisão condicional e ainda estar em prisão condicional implica estar preso, mas Eduardo Gambetta não estava preso naquele momento, portanto não poderia mais estar em prisão condicional.
- Comparando 10 e 10' concluiu-se que para o aluno, ser responsável/ pelo comportamento de Fábio implica dar-lhe droga, ficar amigo por / causa desta droga e ainda torná-lo diferente por este mesmo motivo.
- Comparando 11 e 11' concluiu-se que para o aluno, ser aliciado implica ser levado por um ou mais de um elemento. A escola ser no Guarani implica em Fábio morar no Guarani, assim como Eduardo Gambetta/ e ter sido encontrado no Jardim Chapadão implica em o assalto ter sido neste bairro.
- Comparando 12 e 12' concluiu-se que para o aluno, praticar um assalto implica assalto a uma casa e o casal ter reconhecido Eduardo / Gambetta implica que este casal é que foi assaltado.
- Comparando 13 e 13' concluiu-se que para o aluno, um garçom e mais dois elementos os terem perseguido implica em Fábio e Eduardo G. não terem conseguido concluir o assalto e implica ainda em o casal ter / chamado essas pessoas.
- Um opala comodoro ter sido usado persegui Fábio e Gambetta implica em os perseguidores chegarem até um opala.
- Comparando 14 e 14' concluiu-se que para o aluno, E. Gambetta estar em sua casa na segunda-feira seguinte ao crime implica em o mesmo / ter fugido no dia do ocorrido.
- Comparando 15 e 15' concluiu-se que para o aluno, ter havido tiro /

de revólver calibre 38, uma garrucha calibre 32 e um possível tiro no opala implica ter havido tiroteio.

- Comparando 17 e 17' concluiu-se que para o aluno, dizer que Fábio atirou no opala implica dizer que ele estava com uma arma.

- Comparando 18 e 18' concluiu-se que para o aluno, Fábio ter sido ferido pelas costas quando fugia implica que ele não estava de frente para o garçom e, portanto este não tinha uma arma apontada/ para ele (já que o menino estava de costas)e, portanto quando alegou legítima defesa ele mentiu e os fatos o desmentiram.

- Comparando 19 e 19' concluiu-se que para o aluno, ter Fábio essa descrição (19'-a) implica ser ele um tipo de menino, mas ter ele se envolvido com um traficante de drogas, participado de um assalto e atirado no opala (19'-b) implica ter ele se transformado em outro tipo de menino (ter ficado diferente). Ser E. Gambetta um traficante de drogas implica em Fábio ter tomado drogas e ainda Fábio ter ficado diferente implica que qualquer um poderia ficar.

*(9)

TENTATIVA DE RECUPERAÇÃO DA COERÊNCIA DO TEXTO ESCRITO

Então, voltando a Widdowson e a Austin, parte-se agora de uma segunda premissa; "no texto escrito o ato ilocucional do Dorival foi comentar um tema abstrato proposto". Então, a partir daí foi possível, mas uma vez, detectar os implícitos e subentendidos, postos e pressupostos.

Em um nível mais abrangente encontramos que "ter Dorival afirmado certas proposições deixa implícito que ele autenticou essas proposições com o seu escrever.

Dentro de uma classificação psicológica o comentário escrito apresenta, a nível da enunciação, um implícito como manifestação involuntária:

- Dorival afirmou certas proposições e não outras, subentende-se então ele pensar essas proposições sobre o assunto e não outras. / Porém, não é necessário atribuir a ele a vontade de dizer essas proposições, nem a consciência dessa vontade.

Ainda a nível da enunciação, o comentário escrito apresenta outros subentendidos, porém agora obedecendo a uma classificação lógica.

- Dorival fez um comentário sobre um tema proposto; ora não se faz isso a não ser que se acredite que o ouvinte esteja interessado / nisso, então subentende-se que D. acreditava que o ouvinte estivesse interessado no seu comentário.

*(9) As comparações de 1 e 1', 2 e 2', 3 e 3' e 16 e 16' não

- Ora, não se faz isso, ainda a não ser que se tenha conhecimento do assunto, subentende-se então que Dorival tira conhecimento do assunto proposto: Drogas. *(10)

Ao buscar, os implícitos a nível do enunciado, deparou-se / com uma dificuldade: O levantamento dos implícitos a nível do / enunciado no texto oral foi possível porque o ato ilocacional do Dorival, quando relatou, estava fundamentado em um outro ato ilocacional anterior que foi o que permitiu a existência do texto / original (notícia de jornal) . Considera-se esse ato anterior / "informar". Então, a partir daí pode-se fazer o levantamento dos / implícitos por comparação. O mesmo não pode ser feito com o texto escrito, por ter este força ilocacional de comentar e a recuperação dos implícitos ser determinada por um "conhecimento de mundo" que vai variar de leitor para leitor.

Porém, a recuperação da coerência pode se dar aqui em outro nível - a nível da "pressuposição".

A análise que se segue é semelhante a uma já feita por Eduardo Guimarães. ~~Porém, na sua análise~~ ele considera que os pressupostos, (a nível do discurso, e não a nível da frase como mostrou Ducrot) garantem a isotopia e portanto a coerência do discurso, / pois que estes se mantêm durante todo o discurso, enquanto que os postos vão se acrescentando garantindo o seu desenvolvimento.

Neste texto escrito do Dorival (pág. 5) realmente há uma pro po si ção que se mantém durante todo o discurso e que garante sua / isotopia, mas que é a princípio um posto e não um pressuposto.

P - Drogas é uma droga.

P - como o próprio nome já diz.

P.P. - Drogas é uma droga.

P. - não serve pra nada, simplesmente nada.

P.P. - Drogas é uma droga.

P. - Isto apenas prejudica o homem (ou mulher) moralmente, como fisicamente, como economicamente.

P.P. - Drogas é uma droga.

P. - Em primeiro lugar fisicamente.

P.P. - Drogas é uma droga.

P. - A droga seja maconha, cocaína ou outra coisa não importa.

*(10) Aqui também tornou-se possível a aplicação das teorias de Grice e Searle, ou seja, subentende-se ainda que Dorival acreditava estar sendo entendido pelo leitor através do reconhecimento /

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - vai diretamente no sangue, enfraquecendo-o.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - e deixa de um homem (ou mulher) saudável um monte de ossos.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - em segundo lugar moralmente.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - Uma pessoa viciada em drogas modifica seus atos, deixando-os anti-social, ninguém as quer (errado, quando uma pessoa se encontra nesse estado temos que conversar, ajudá-la a sair do vício)

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - Economicamente.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - além de tudo é cara.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - a pessoa viciada faz tudo para consegui-la.

P.P. - Drogas é uma droga.

p. - em resumo.

Então, pode-se ver pela interpretação conduzida através dessa análise que todas as informações vinculadas pelo discurso, estão / inscritas dentro dos limites de "Drogas é uma droga", portanto aqui/ este posto garante a isotopia do discurso e consequentemente sua / coerência.

CONCLUSÃO

Com este trabalho chegou-se à conclusão que realmente se pode recuperar a coerência dos textos escolhidos, através da recuperação dos implícitos, subentendidos pressupostos dos textos.

A recuperação da coerência a nível da enunciação se deu a partir do reconhecimento dos atos ilocucionais do falante e através do próprio contexto. Em outras palavras, a partir do reconhecimento do ato ilocacional do falante foi possível a recuperação da coerência/ de sua enunciação, pois os implícitos e subentendidos desta ficaram explícitos pelo contexto. Portanto, em uma situação real de comunicação o contexto é o ponto de referência para a recuperação da coer-

Assim, neste trabalho, a recuperação dos implícitos e subentendidos da enunciação oral e escrita se deu através da explicitação dos mesmos, tomando-se como ponto de referência o contexto.

Porém, a recuperação dos implícitos e pressupostos a nível do enunciado, já necessitou, além do reconhecimento dos atos ilocucionais do falante, outros pontos de referência que não o contexto, sómente.

Considerando reconhecidos os atos ilocucionais "relatar" (texto oral) e "comentar" (texto escrito), os implícitos e pressupostos, e consequentemente a coerência, foram recuperados, no caso do relato, por exemplo, tomando-se como ponto de referência o texto original. Já no caso do comentário escrito, isto se deu através da recuperação dos limites em que se inscreveu o enunciado (isotopia). Neste último caso, a recuperação da coerência poderia ainda se dar, tomando-se como ponto de referência um "conhecimento de mundo" do falante e do ouvinte, simultaneamente.

Observação: - Ainda, aproveitando o corpus descrito, provavelmente se chegue à recuperação da coerência de um comentário oral mais facilmente do que à do comentário escrito, por estar o primeiro em um contexto (ponto de referência) mais explicativo do que o contexto em que se deu o comentário escrito. Considerando que seja feita uma análise comparativa dos dois textos a nível da enunciação.

Isto comprovaria parte da segunda hipótese levantada.

Bibliografia

- 1 - WIDDOWSON, H. G. - "Discourse" in. Teaching language as Communication Oxford Univ. Press., 1978, pág. 23-59.
- 2 - SEARLE, John - "What is a speech act?" in. M. Black (ed.), Philosophy in America, Allen E. Unwin and Cornell University Press, 1965, pág. 221 a 239; publicado também in. Pier Paolo Giglioli (ed.) , Language and Social Context , Penguin Education, 1972, pág. 136 a 154. (Traduzido para o português por João Wanderley Gerald e Sírio Possenti)
- 3 - DUCROT, Oswald - "Implícito e pressuposição" in. Princípios de Semântica Linguística - Dizer e não dizer - São Paulo, Cultrix, 1977 - / pág. 09 a 33.
- 3 - GUIMARÃES, Eduardo. - "Pressuposição e Isotopida do Discurso: considerações preliminares" in. Estudos Linguísticos - Série Estudos nº 2 , / Instituto de Letras das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino, / Uberaba, 1976, pág. 11 a 19.
- 4 - WEINRICH, H. - Le Temps: Editons du Seuil. Paris VI - 1973
- 1 - ~~Ornbettes~~, Bernard - "Thematization et progrés-sion thématique dans le récits d'enfants" in. Langue Français, n.º 38. - La Rousse -
- 5 - ~~Roulet~~, Eddy - Teorias Linguísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas - Editora Pioneiro (traduzido Geraldo Cintio) - 1978
- 4 - REED, Maria Thereza Frota - Crise na Linguagem - Redação ao Vestibular - Editora Pioneiro - 1981